

Relações dialógicas: capa de revista e reportagem interna

(Dialogic relationships: the magazine cover and its article)

Miriam Bauab Puzzo¹

¹Universidade de Taubaté (UNITAU)

puzzo@uol.com.br

Abstract: This article aims at presenting a proposal on the verbal-visual language based on the dialogic language perspective, using a magazine cover and one of its articles. In order to discuss this, a front page and an article were selected from *Veja* magazine, dated on January 27th 2010 and edition 2149. In the article, entitled “Haiti: do caos à esperança”, we observe the relationship between information and opinion expressed about the theme, the compositional form and the style, the relationship among utterances, the expected reader and the social context. We demonstrate that the magazine cover and the article maintain an intense dialogue with the purpose of motivating the reader’s interest. We intend with this study to contribute to the reading of media discourse.

Key-words: verbal-visual language; reading; dialogic relationship; magazine cover; article.

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de leitura da linguagem verbo-visual sob a perspectiva dialógica da linguagem de uma capa de revista e a sua respectiva reportagem interna. Para discutir essa questão foram selecionadas, como objeto de análise, a capa da revista *Veja* de 27 de janeiro de 2010, edição 2149 que tem por título “Haiti: do caos à esperança”, e a reportagem interna com o intuito de observar como, na materialidade da linguagem verbo-visual, se articulam informação e opinião, expressas no tema, na forma composicional e no estilo, bem como as relações dialógicas que os dois enunciados mantêm entre si, com o(s) leitor(es) presumido(s) e com o contexto sócio-histórico. Desse modo capa e reportagem interna mantêm um intenso diálogo, cujo intuito é despertar o interesse do leitor/consumidor. Espera-se com esse estudo contribuir para a leitura dos gêneros discursivos midiáticos.

Palavras-chave: relações dialógicas; enunciado concreto; linguagem verbo-visual; capa de revista; reportagem

Introdução

Os meios de comunicação exercem, na atualidade, o poder de persuasão a respeito da veracidade dos fatos que reportam. Muitas vezes tais fatos são entendidos como a realidade absoluta pelo público que os recebe de um determinado veículo. A objetividade da informação pregada pela imprensa cria a ilusão de isenção total na apreensão e na transmissão das notícias.

Sendo assim, a leitura de revistas e jornais é feita sem nenhum filtro reflexivo, desconsiderando o viés subjetivo, tanto do repórter como da empresa de comunicação a que este se acha vinculado. Sendo assim, é pertinente discutir o viés ideológico que se manifesta nos enunciados midiáticos, tomando como referencial teórico a análise dialógica da linguagem na perspectiva bakhtiniana.

Os gêneros discursivos apresentados por Bakhtin tornaram possível analisar os enunciados de modo menos simplista e mecânico. Ao discutir a questão da linguagem como forma de expressão do ser humano, o filósofo da linguagem afirma que a comunicação só se concretiza por meio de gêneros, desde um simples cumprimento até a produção de

textos mais elaborados, como os literários e os jornalísticos. Separa assim os gêneros em duas categorias, os primários – de comunicação imediata e cotidiana –, e os secundários – que são mais complexos (BAKHTIN, 2003, p. 263). Também não descarta a possibilidade de construção de enunciados expressos por signos não verbais, embora não se dedique a estudá-los. Contudo suas reflexões sobre a linguagem dos signos na comunicação abriram os horizontes para a análise da linguagem verbo-visual, tão difundida pelos meios de comunicação, que exigem um novo olhar para os textos que circulam nessa esfera.

Os novos enunciados representam um material importante para o analista da linguagem, entre eles as capas de revista, que aparentemente só anunciam as manchetes das reportagens internas. A elaboração das capas, o trabalho artístico que integra numa unidade temática todos os componentes sógnicos, tais como as imagens (fotográficas ou plásticas), as letras, a distribuição dos títulos na página, as cores, demonstra o envolvimento de uma equipe na tentativa de envolver o leitor, transmitir informações trabalhadas de modo indireto e estético, numa perspectiva interpretativa dos fatos, rompendo a ideia generalizada de objetividade da informação.

Desse modo, as capas de revista podem ser consideradas enunciados concretos, pois apresentam uma proposta comunicativa diferenciada do formato das reportagens internas e têm por objetivo informar, envolver e seduzir o leitor. Nesse sentido, as capas da *Veja* são tratadas como um gênero discursivo peculiar e de grande importância na formação de opinião dos leitores. Assim, o enunciado de capa é analisado e retomado em função da reportagem interna em diálogo com o tema central que organiza a capa. O objetivo é demonstrar como o fato anunciado é trabalhado nas duas instâncias enunciativas e as relações dialógicas que mantêm com o contexto sócio-histórico e o leitor presumido.

Procura-se, desse modo, demonstrar como, na trama da linguagem verbo-visual, o encaminhamento interpretativo dos fatos objetiva provocar interesse e seduzir o leitor para a leitura da reportagem. Em primeiro lugar apresenta-se a teoria que embasa as análises, a seguir, é analisada a capa da revista *Veja*, de 27 de janeiro de 2010, edição 2149, que tem por título “Haiti: do caos à esperança”, entendida como um gênero discursivo, de acordo com o conceito de Bakhtin expresso em *Estética da criação verbal* (2003), em que se destaca a unidade temática, a forma composicional e o estilo, procurando observar o enfoque subjetivo, expresso pelo tom que organiza o enunciado. A seguir, é analisada a reportagem, procurando observar como ela dialoga com a capa, com o contexto imediato e com o leitor presumido da revista. Procura-se assim sugerir um modo de ler os enunciados verbo-visuais que circulam na esfera jornalística como apoio ao ensino de leitura e interpretação textuais.

A teoria dialógica da linguagem na perspectiva do Círculo bakhtiniano

São muitas as possibilidades teóricas que servem de orientação para a leitura de textos, entretanto a análise dialógica da linguagem permite a visão mais ampla por não se limitar à materialidade textual, embora esta seja o ponto de partida. Como assevera Voloshinov/Bakhtin (1926):

Por mais que se vá longe na análise de todas as propriedades do material e de todas as combinações possíveis dessas propriedades, nunca se será capaz de encontrar seu significado estético, a menos que lancemos mão, de contrabando, de um outro ponto de vista que não pertença à moldura da análise do material. (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926, p. 3)

Ao propor um modo mais abrangente de leitura, questionando a teoria linguística de Saussure e a idealista romântica em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), Bakhtin / Volochinov amplia a concepção de texto, com o conceito de enunciado concreto. Entendendo a linguagem em sua duplicidade constitutiva, o enunciado expressa essa relação dialógica que o enunciador mantém com o “outro” internalizado e com o contexto sócio-histórico. Essa percepção de que o enunciado faz parte de uma cadeia discursiva, de onde emerge como um evento único e ao mesmo tempo integrado a um sistema de repetições imposto pela língua instituída, torna mais complexa sua leitura e sua interpretação.

Para Bakhtin e seu círculo, uma mesma palavra enunciada em situações diferentes apresenta sentidos diferentes, como expõe em “Discurso na vida e discurso na arte” (1926), ilustrando com a palavra “bem”. Por isso em cada situação um mesmo enunciado assume novas possibilidades de sentido, levando-se em conta o contexto de produção e os interlocutores envolvidos no diálogo. Assim se expressa o filósofo da linguagem,

[...], cada enunciado nas atividades da vida é um entimema social objetivo. Ele é como uma “senha” conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social. A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados. (VOLOSHINOV/ BAKHTIN, 1926, p. 6)

Desse modo, um enunciado deve ser entendido não em sua forma material apenas, mas a partir da materialidade linguística deve ser considerado em seu contexto de produção e recepção. Tendo em vista a dupla orientação constitutiva da linguagem — Eu X Outro —, na leitura do enunciado é preciso considerar o horizonte social de seu enunciador e o contexto em que se encontra inserido. É o caso das capas de revista e das reportagens nela veiculadas, em que a identificação do leitor presumido é fundamental para entender o significado dos enunciados. A equipe de produção da capa e o repórter, ao elaborar o texto, têm em mente o público leitor da revista, com o qual mantêm o diálogo enunciativo. Sendo assim, a imagem do leitor é prefigurada e o(s) enunciador(es) procura(m) atender sua expectativa encaminhando a leitura de acordo com esse perfil. Do mesmo modo que o leitor é alimentado pela mídia, também a alimenta pelo diálogo tácito mantido com os repórteres. Portanto, as capas e as reportagens são dirigidas a um leitor prefigurado, procurando responder a suas expectativas. Essa relação dialógica presente nos enunciados, considerada como seu ponto nodal por Bakhtin, tem seus desdobramentos, pois o enunciado ao mesmo tempo que é constituído num momento presente, também dialoga com o passado e com o futuro.

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2003, p. 297)

Por isso, ler um texto é estabelecer os fios que o ligam ao presente, mas também as relações que mantém com o passado e com o futuro, é perceber a voz do sujeito enunciador e o diálogo que mantém com o contexto, expressando o viés valorativo com que reporta o fato. Por mais isento que o enunciador procure ser em relação aos fatos enunciados, sempre

existe um modo de vê-lo, peculiar ao enunciador que se manifesta de várias formas, às vezes intencionalmente, outras não. Segundo Bakhtin, os seres humanos se expressam por meio de gêneros discursivos, ou seja, os enunciados mantêm certa regularidade no tema, na forma composicional e no estilo, o que permite seu reconhecimento imediato.

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. [...] Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 2003, p. 282-283)

Assim, tanto as capas como as reportagens são consideradas gêneros discursivos, pois têm um tema, uma forma composicional e um estilo, também apresentam as marcas individuais do sujeito enunciador e seu tom valorativo. É desse modo que capa e reportagem de *Veja* são analisadas.

O gênero discursivo capa de revista e o fato anunciado

As capas das revistas semanais informativas têm um tratamento misto de informação e apelo, situando-se no intermédio entre jornalismo e publicidade. Enquanto as manchetes procuram chamar a atenção para os fatos veiculados na revista, associando-os a imagens fotográficas, a elaboração estética, associada à diagramação, à escolha das cores, ao arranjo do conjunto, perpassando também por outros tipos de imagens, altera o que seria a mera informação, ou seja, a objetividade proposta nessa esfera de circulação de notícias. Dessa forma, os assuntos condensados nas chamadas breves, aparentemente dispersos no espaço da página, são minuciosamente elaborados a fim de destacar os fatos mais importantes, geralmente de interesse momentâneo, seja sobre política, economia ou outra questão que esteja em pauta.

Além disso, apesar de sintetizar a informação em chamadas breves, o tratamento verbal também evidencia o apelo publicitário na escolha dos termos e na estruturação sintática, resvalando, então, para a expressividade da linguagem. Nesse duplo processo, articulam-se os dados referenciais de caráter informativo e os efeitos conotativos, com o intuito de atrair o possível leitor/consumidor. Como afirma Scalzo, uma revista tem necessidade de uma boa capa que a auxilie na conquista de leitores que a levem para casa, “precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor” (SCALZO, 2006, p. 62).

Como as capas representam a embalagem das notícias e disputam o espaço nas bancas de jornal com outras da mesma natureza, seu efeito persuasivo decorre da convergência do tratamento estético da linguagem verbal articulada à visual. Nessa permeabilidade discursiva, é preciso ressaltar ainda que a escolha dos fatos a serem noticiados se deve não só à importância que assumem num determinado contexto, mas também ao interesse da empresa em divulgá-los, expressando indiretamente sua ideologia. Como consequência, a organização prévia das capas a partir das pautas obedece a um processo bastante refinado de produção e, apesar de apresentarem os fatos reais, constantes das revistas, deles se distanciam pela articulação de procedimentos estéticos verbo-visuais.

É o que se observa na capa da revista *Veja* de 27 de janeiro de 2010, edição 2149, que tem por título “Haiti: do caos à esperança”. A chamada principal já anuncia o tema organizador da capa, o desastre e a possibilidade de reconstrução do país. Para isso foi selecionada a foto de uma criança, que, soterrada, foi resgatada dos escombros. A foto está centralizada na página e chama a atenção porque se destaca do fundo sombrio, negro acinzentado, onde vultos são levemente delineados. A imagem da criança de braços abertos, recortada do fundo escuro e iluminada pelas cores claras que realçam sua fisionomia risonha, é ressaltada do conjunto. A equipe de resgate aparece suspendendo a criança nos braços juntamente com uma senhora negra, possivelmente a mãe ou algum membro da família, visto que não se encontra uniformizada como o resto da equipe. A imagem vem delimitada como uma gravura colada contra o fundo escuro.

O efeito da luz pode ser de natureza intuitiva, afetando a percepção emocional do receptor, como analisa Bonasio (2002), quando discute os efeitos de iluminação em cenas televisivas. O grau de luminosidade de determinada cena pode criar a sensação de alegria ou de tristeza, de felicidade ou de tensão. Segundo ele: “A iluminação em tons escuros, com muitas sombras, pode ser usada em cenas de tensão ou drama” (BONASIO, 2002, p. 337) Embora diga respeito às imagens de TV, essas considerações também são válidas para as imagens fotográficas, em específico nesta capa marcada pelo contraste entre claro e escuro. O título aparece dividido: na parte superior, o nome do país, HAITI, em letras garrafais, preenchidas em branco acinzentado, e ao pé da imagem, o restante da frase nominal: “Do caos à esperança”, também em maiúsculas, mas em tamanho menor. Logo abaixo, um trecho da reportagem, redigido em letras brancas que se destacam do fundo escuro, colocado entre aspas vermelhas. A seguir o crédito ao autor da reportagem, Diego Esconsteguy, enviado da *Veja* ao Haiti, e a indicação da página (66). Os dizeres são bastante significativos na composição do tema:

Sob as trevas da noite o pavor aumenta. Os raros focos de luz são faróis de carros, dos postes de quartéis com geradores e das fogueiras... assustadoras fogueiras alimentadas por escombros e corpos. Do hospital-Geral de Porto Príncipe emergem urros de dor de pacientes. Com os primeiros raios de sol chega a notícia do resgate de uma criança com vida, e a esperança renasce.

Contrariamente ao estilo da capa *Veja*, cuja assinatura normalmente vem preenchida em cores, esta aparece vazada em preto, coincidindo com o fundo escuro, cujas letras são filetadas em vermelho, que é também o tom do capacete do bombeiro realçado na foto central, compondo um conjunto equilibrado de tons na página: vermelho, preto e branco, mais o amarelo da roupa da criança. O valor significativo das cores está relacionado com o enfoque dado ao enunciado, assim a simbologia das cores varia em função da proposta enunciativa. Como afirma Guimarães (2004, p. 105-108), o significado e a importância das cores estão relacionados à situação e à intenção de comunicação, por isso não há um significado rígido para elas, pois uma mesma cor pode ser associada a vários significados. Ao relacionarmos as cores com o tema desse enunciado, observa-se o contraste entre o branco, o preto e o vermelho, sinalizando a catástrofe sangrenta provocada pelo terremoto no Haiti que enlutou o país, como o trecho verbal aponta: “sob as trevas da noite o pavor aumenta [...] assustadoras fogueiras alimentadas por escombros e corpos”. Ao mesmo tempo, a composição das imagens indica a possibilidade de reconstrução e de esperança, evidente também no trabalho fotográfico do repórter que flagrou o semblante sorridente de uma

criança resgatada dos escombros. A fotografia exerce o poder de atrair a atenção do leitor e também lhe permite a reconstituição dos fatos usando de sua imaginação, por isso as fotos têm o poder de ficcionalizar o real, como pontua Boris Kossoy (2002), considerando o fato retratado como primeira realidade e o resultado imagético como segunda realidade – a que se imagina–, numa tensão constante entre o visível e o invisível. Sendo assim, “a imagem de qualquer objeto ou situação documentada pode ser dramatizada ou estetizada, de acordo com a ênfase pretendida pelo fotógrafo em função da finalidade ou aplicação a que se destina” (KOSSOY, 2002, p. 52).

Se as fotos em si são portadoras de significados múltiplos, mais ainda esses significados se desdobram quando fazem parte de um espaço elaborado para inseri-las. No caso das fotos de capas de revista, apesar da força de realidade que apresentam, sofrem uma série de procedimentos para compor um conjunto significativo no enunciado. Tais alterações estão no próprio modo de enquadramento da imagem, a sua posição na página, o processo de seleção de uma série de outras fotos, no momento da editoração, para garantir o enfoque pretendido, além de um trabalho estético para embelezar ou, pelo menos, tornar a imagem atraente. Apesar de a fotografia simular o real, não constitui um registro fidedigno, pois um conjunto de decisões formais é preestabelecido e faz parte do mecanismo fotográfico, tais como: tipo de lente, abertura do diafragma, tempo de exposição da película à luz (NEIVA Jr., 2006, p. 73). Ademais, a própria seleção feita pelo fotógrafo que compreende o enquadramento, o ângulo, o cenário de fundo, a perspectiva, entre outras, denota a interferência do seu olhar na captação da imagem. Há um recorte intencional que direciona um modo de ver a cena retratada. Ainda é preciso considerar a edição da imagem por meio da qual a foto pode ser manipulada e, em certos casos, alterada de modo radical. Portanto, a fotografia traz a ilusão de realidade, mas é, sobretudo, sua representação.

Assim, nesse enunciado concreto observamos as relações dialógicas estabelecidas entre enunciador (equipe de produção), leitor presumido da revista do qual a equipe espera uma atitude responsiva, o momento histórico-social de comoção pela tragédia vivenciada pelos habitantes do Haiti. Logo, o fato já noticiado pelos meios de comunicação são de conhecimento do leitor, então é preciso algo mais para provocar seu interesse pela leitura da revista. A capa, como gênero discursivo, exerce esse poder pelo modo de elaboração, pelo arranjo verbo-visual, permitindo ao leitor projetar-se no drama ali anunciado, tanto pela tragédia como pela possível superação do desastre, sugerida na imagem e no texto que trata do resgate de uma criança. A informação fica então submetida ao enfoque escolhido pela equipe de reportagem e pela editoria da revista. A sintonia entre a produção estética e verbal do enunciado, reiterado pelo trecho da reportagem no pé de página, já sinaliza o tom adotado ao longo do relato narrativo das páginas internas dessa edição. Desse modo, o enunciado da capa prepara para o tom adotado na reportagem.

O tom da reportagem

O título da reportagem interna, “O caos depois do desastre”, aparece grafado em letras garrafais, preenchidas pela cor branca que se destaca na foto de duas páginas, retratando o desespero da multidão, que é flagrada correndo no centro de Porto Príncipe, cujos edifícios destruídos servem de cenário de fundo. No alto da segunda página vem a informação sob o título: “Luta pela sobrevivência” — “Multidão no centro destruído de Porto Príncipe: saques, socos, brigas e uma única lei, a dos mais fortes”.

A abertura dessa reportagem enfatiza o aspecto trágico do terremoto e as condições dramáticas vivenciadas pela população. As fotos de duas páginas que seguem à de abertura também expõem imagens chocantes de pessoas mutiladas, sangrando, se atacando e se agredindo com armas. Na última foto dessa sequência, um membro da população carrega um caixão semi-aberto com os braços do cadáver saindo para fora. Ao lado, no pé da página, aparece a legenda: “Epidemia de mortos: No Haiti, caixões são uma raridade. A maior parte dos corpos é queimada ou enterrada em covas coletivas: à noite, dorme-se sob o céu negro, sentindo-se o cheiro fétido das fogueiras humanas”. O cenário assim apresentado é de terror e desesperança; no alto da página, o subtítulo: “Como num cenário pós-apocalíptico, o Haiti consome-se depois do terremoto. Os fracos se encolhem, os fortes se enfrentam e os mortos alimentam fogueiras humanas. No meio de tudo, cada resgate reacende as esperanças.” (p.73) Como se pode observar, as fotos introdutórias da reportagem apresentam imagens aterradoras de grande impacto. Entretanto ao final da sequência o texto verbal do alto da página apresenta o contraste entre o desespero e a esperança, já mencionado no enunciado da capa. O texto verbal que se inicia nessa página tem o estilo narrativo de um conto. A descrição que dá início ao relato expõe o sofrimento e o caos vivenciado pela população, num breve resumo do contraste entre os gritos de dor dos mutilados e feridos e os de uma gestante que aguarda o nascimento do filho. Morte, nascimento e renascimento pelo resgate de uma criança, cuja foto aparece na capa se misturam num cenário bastante confuso e triste. Alguns trechos podem ilustrar a confusão e o abandono:

Em Porto Príncipe, os vivos dormem nas ruas; os mortos nos escombros. [...] Por enquanto dorme-se sob o céu negro e o calor asfixiante do Caribe, sentindo-se o cheiro fétido das fogueiras humanas. São os momentos mais perigosos para a sobrevivência dos haitianos, quando os mais fortes encontram a cumplicidade da noite para atacar os mais fracos. Brigam por comida, água, remédios... (p.73)

O tom adotado pelo repórter é trágico e as imagens são antitéticas. Essa oposição entre os caos e as cenas mais otimistas como a do resgate ou a do nascimento de uma criança, cuja mãe grita de dor em unísono com os gritos dos feridos, revela um estilo literário que surpreende o leitor. As fotos que aparecem na sequência registram cenas mais amenas e positivas como a de um haitiano que improvisa uma escola onde agrupa 270 crianças e dá aulas de francês, matemática e ciências. A legenda da foto marca o tom esperançoso do redator: “Praça da esperança: Clarénce Johnny improvisou uma escolinha para 270 crianças, com aulas de francês, matemática e ciências: É uma forma de ocupar a cabeça das crianças e tentar fazer com que elas olhem para frente.”

O repórter procura, assim, equilibrar o aspecto negativo com dados positivos que seguem até o final, quando, na última foto, apresenta a imagem de uma jovem mãe ao lado de seu filho recém-nascido. A legenda no alto da página é ilustrativa desse enfoque: “Luz nas trevas: Num lugar de horrores, o Hospital-Geral de Porto Príncipe, transformado no maior centro de amputações do Haiti, a jovem Widlyn gritou e, depois, sorriu: no pátio iluminado por uma lanterna, nascia o pequeno Christopher”. Depois de apresentar dados da catástrofe, o repórter apresenta cenas incentivadoras e de esperança, uma delas é a de uma senhora de 66 anos resgatada dos escombros:

Depois de sete dias de soterramento, como se emergisse de 2000 anos sob as ruínas de Pompeia, foi tirada uma senhora de 66 anos, Ena Ziz. Cantava firme e forte. O pequeno Kiki, que virou o rosto feliz da mais infeliz das tragédias, aguentou oito dias e saiu rindo para a mãe. No pátio das muitas igrejas evangélicas de Delmas, via-se uma multidão que entoava alegremente músicas cantadas em crioulo, o dialeto local, que nada tinham de religiosas. Mulheres descalças dançavam em rodopios, homens erguiam os braços e crianças faziam trenzinhos. A mensagem nada secreta parecia ser: o desejo de vida vence a pulsação da morte. (p.76)

As cenas de resistência e superação vão ganhando espaço ao final da reportagem encaminhando para um final significativo, que é o nascimento de Christopher:

No hospital-Geral de Porto-Príncipe, Widlyn Pierre continua gritando de dor. A enfermeira ajoelha-se no colchonete, liga uma lanterna e pede que ela respire. Suando muito, Widlyn segura-se no tronco de uma árvore e emite um longo e agudo uivo. Um bebê sai lentamente de seu ventre. Widlyn sorri. O nome de seu filho é Christopher – e o Haiti é o seu futuro. (p.76)

Essa alternância entre cenas do horror e de esperança, conforme está sinalizada na capa, é o enfoque adotado na reportagem, estabelecendo o diálogo entre elas.

Relações dialógicas

Como a forma composicional e o estilo da reportagem demonstram, o tema da capa é retomado no enunciado interno indicando um modo de elaboração interativo, mantido pelo diálogo entre o repórter responsável pela investigação e pela narrativa com a equipe de produção da capa. O enfoque e o tom estão em perfeita sintonia: o cenário escuro, que forma o pano de fundo da imagem do menino, relevada pela claridade, assim como a manchete “Haiti: do caos à esperança”, estão em sintonia com a forma composicional e o estilo adotado por Diego Escosteguy, que destaca os dois aspectos da tragédia: se de um lado há o sofrimento, a dor e o luto, de outro há a possibilidade de reconstrução do país esperado não só pelos sobreviventes, mas também pela nova geração de crianças, como Christopher, que têm o futuro pela frente. As cores predominantes na capa e nas fotos sinalizam essa relação contrastante de luto, de ferimentos e de esperança no futuro, como a metáfora do nascimento que encerra a reportagem sinaliza. As vozes do repórter e da equipe de produção da capa se cruzam tendo em vista o leitor presumido da revista *Veja*.

Para analisar a reportagem e seu estilo é preciso considerar também o contexto sócio-histórico de sua produção. As reportagens atuais disputam espaço com as veiculadas em outras mídias como as da televisão e da internet. Por isso, o estilo das reportagens impressas tem se tornado mais flexível para imprimir um tom mais envolvente e emocionante, como o deste exemplar. Retomando Bakhtin (2003, p. 305-306):

[...] o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado. As várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso. [...] A escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada.

Como o leitor da revista encontra-se imerso num campo de signos verbais e visuais de grande apelo, o estilo das reportagens tende também a acompanhar as novas necessidades desse leitor. Considerando esse aspecto, observa-se que o fato é relatado num tom dramático, nos moldes de uma narrativa ficcional, cuja intensidade é medida pelas imagens verbais e visuais que entram em confluência de modo a motivar a leitura e chamar a atenção do público-leitor da revista. O tom valorativo também demonstra um olhar mais próximo do fato e certo envolvimento emocional do enunciador. Segundo Bakhtin (2003, p. 289), “Nos diferentes campos de comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível”. Assim, além da inflexão subjetiva, o tom valorativo, de certo modo, expressa também o interesse comercial da empresa em difundir seu produto atualizando o formato e o estilo genérico das reportagens. A sintonia de entonação entre os dois gêneros: capa e reportagem confirma tal proposta.

Considerações finais

Como a análise da capa e da reportagem demonstrou, as relações dialógicas mantidas entre ambas se estendem também às relações estabelecidas entre o leitor presumido e o contexto social. A leitura da linguagem verbo-visual de ambos os gêneros evidencia o projeto editorial da revista e os interesses que a motivam. Assim, a análise dialógica da linguagem na perspectiva bakhtiniana permite a leitura de gêneros discursivos das várias esferas de produção de modo mais eficaz. Desfaz a noção de uma fórmula pronta para ser simplesmente identificada e reproduzida, como afirma Brait (2005, p. 89), discutindo a estabilidade dos gêneros nas várias esferas de produção e circulação:

Aqui, sem dúvida, se pensarmos no estágio atual da construção do conhecimento, em nossa cultura e nos círculos acadêmicos em geral, certamente saberemos apontar alguns gêneros e as coerções que determinam sua temática, sua forma composicional e seu estilo. Mas saberemos, também, em meio às estabilidades, apontar o que há de marca autoral em artigos, monografias, teses, aulas expositivas, seminários, conferências.

Ainda que os modelos sejam estáveis, como os acadêmicos, e podemos acrescentar os da reportagem jornalística, há marcas de subjetividade que são peculiares. No caso dos gêneros midiáticos, com a necessidade de atender às expectativas do público leitor, essa questão é mais crucial.

Porquanto no enredamento do enunciado concreto e nos vários elementos que o estruturam, ou seja, o tema, a forma composicional e o estilo, é possível perceber os tons valorativos e as propostas comunicacionais de seus enunciadores nesse campo. Além disso, o conceito de gênero ganha novo enfoque, como uma forma enunciativa que acompanha as necessidades da época e do público.

Assim, pelo tratamento mais dinâmico ou mesmo mais emotivo, o enunciador procura cativar o leitor, conduzindo-o a uma visão mais dramática da informação. A análise desse conjunto leva a concluir que, além do relato dos fatos, há um acento valorativo de natureza sensacionalista com o objetivo de seduzir pela dramaticidade do enunciado e, como consequência, levar o leitor ao consumo do produto.

Procura-se com esse exercício de análise propiciar uma leitura mais atenta aos enunciados verbo-visuais, muitas vezes recebidos de modo automático, mas não menos

impactante, cujos efeitos podem conduzir ao envolvimento emocional menos crítico e muitas vezes direcionado pela equipe de reportagem e pela ideologia da empresa. Espera-se com isso contribuir para a leitura do gênero capa de revista e reportagem jornalística, com o intuito de proporcionar um olhar reflexivo e crítico do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Prefácio de Roman Jakobson. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução do francês de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BONASIO, V. *Televisão: manual de produção & direção*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002.
- BRAIT, B. Estilo. In: _____. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 79-102.
- GUIMARÃES, L. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- KOSSOY, B. _____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- NEIVA Jr., E. *A imagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Coleção Primeiros Passos)
- SCALZO, M. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2006.
- VOLOSHINOV, V.N./BAKHTIN, M. M. O discurso na vida e o discurso na arte. Tradução para uso didático feita por C. Tezza e C. A. Faraco, 1926. (mimeo? Texto traduzido para fins didáticos em forma de apostila)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BAKHTIN, M. *Problemas da poética em Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. 3. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1996.
- BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70 Ltda., 2006.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- _____. Análise e teoria do discurso. In: _____. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- _____. (Org.) *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. (Org.) *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TEIXEIRA L. A práxis enunciativa num auto-retrato de Tarsila do Amaral. In: OLIVEIRA, A. Cláudia (Org.) *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacken, 2004. p. 229-242.